

# Ana Vidigal

## Arte e vida entrelaçadas

Não é por acaso que dá o seu nome próprio, *Ana Beatriz*, à exposição que apresenta na Galeria Balcony até ao fim de fevereiro. É que o trabalho apresentado por Ana Vidigal, uma das mais destacadas artistas da contemporaneidade portuguesa, é pessoal, mas transmissível, desafiando a leitura de cada um sobre a sua obra e a memória do país

MARIA LEONOR NUNES

# O

O pincel e a tesoura são os seus utensílios de eleição, confessa, instrumentos que usa na pintura e no trabalho com objetos e instalações, dois lados da sua criação artística que cada vez mais se misturam, como adianta ao JL.

Lençóis de linho bordados da arca do enxoval nunca usados e agora pintados, um velho barco de borracha que navegou os mares da infância e convida a uma viagem pelas memórias pessoais, familiares e coletivas juntam-se assim, entre outras obras, na mais recente exposição de Ana Vidigal, *Ana Beatriz*. Dois nomes próprios que poucos sabem constituir o nome da artista, mas que a mãe usava, ameaçadora, quando ela piscava o risco, o que acontecia muitas vezes. E foi ao desfazer a antiga casa dos pais com os seus irmãos, morada da família durante décadas perto da Junqueira que ela resgatou no fundo de gavetas e baús, na arrecadação, os objetos carregados de tempo e poesia, que recriou e mostra nesta revisitação do passado, antes e depois do 25 de Abril. "É um reencontro com muitas coisas que ficaram para trás", afirma. "E, curiosamente, ao contrário do que por vezes me acontecia, nesta exposição não tive pudor em tornar públicas certas coisas mais privadas."

Ana Vidigal, 62 anos, nasceu em Lisboa, fez o curso de Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, e começou a expor nos anos 80. Numerosas exposições coletivas e individuais marcam o seu percurso, ao correr de décadas, afirmando a singularidade do seu projeto artístico.

Depois de *Ana Beatriz*, que fica patente ao público na galeria Balcony, em Lisboa, até 25 de fevereiro, irá apresentar o seu trabalho com Hugo Brazão, na Quinta da Magnólia, espaço municipal no Funchal, e a nível individual, na Galeria Diferença, em Lisboa.



Ana Vidigal "O que sinto é que a pintura é a minha vida e que a minha vida mistura-se com o que faço"

**Jornal de Letras: Ana Beatriz é um chamamento da memória da infância?**

Ana Vidigal: Nesta primeira exposição na Balcony, como tinha feito em maio uma só de pintura na Galeria Fernando Santos, pensei trabalhar sobre uma experiência que me marcou muito, a mim e aos meus irmãos. Durante dois anos estivemos a desmanchar a casa dos meus pais, depois da morte deles.

**Uma tarefa difícil?**

Muito. Os meus pais foram viver para aquela casa quando se casaram, nunca se separaram e todos nós lá vivemos até termos as nossas próprias vidas. Tinha muita coisa acumulada ao longo de tantos anos e tivemos a responsabilidade de escolher o que era de preservar, o que se ia deitar fora. Foi sobre o que não iríamos guardar que quis trabalhar e pedi aos meus irmãos, porque evidentemente teria que ser uma decisão a três.

**Os seus irmãos aparecem, aliás, na imagem do convite da exposição.**

Muitas pessoas acharam-no enigmático (riso). É uma fotografia que lhes tirei, numa carrinha Volkswagen que tivemos e em que, a seguir ao 25 de Abril, com os nossos pais, percorremos a Europa toda. O meu pai achou que devíamos conhecer o que eram democracias consolidadas, para além dos Pirinéus, porque Espanha ainda era uma ditadura. Nós estávamos inseridos numa classe social que viveu esses anos num grande turbilhão e hoje vejo essa ideia como uma coisa muito curiosa. E claro que essas viagens, numa altura em que ainda não havia turismo de massas, permitiram-me conhecer muitos museus, incutindo-nos o gosto pela cultura e pela viagem, o que foi muito importante para mim.

**Também na sua opção artística?**

Bom, já entrei nas Belas Artes com essa bagagem, já tinha visto imensa pintura, quase todos os museus.

Lembro-me que um dia a professora Sílvia Chicó falou-me dos impressionistas e eu disse-lhe que para mim eram clássicos, coisa de museus que não me interessavam. E ela respondeu que finalmente aparecia alguém que dizia uma coisa daquelas (riso).

**Fez parte dos chamados talentos emergentes, nos anos 80, quando estava nas Belas Artes.**

Foi precisamente a Sílvia Chicó que deu esse nome, quando organizou a nossa exposição. Estávamos todos na casa dos 20 e éramos todos muito bons no meu grupo de faculdade. Depois, toda a gente gozava conosco na escola, chamando-nos talentos emergentes (riso). E realmente funcionávamos muito em termos de grupo, incentivávamos-nos uns aos outros, mostrávamos as pinturas, os desenhos que fazíamos, tínhamos muito respeito pelo trabalho uns dos outros. Isso era muito bom, porque era uma entajada entre amigos, um apoio. Nos anos 80, havia o prazer do sucesso em grupo, de usufruir das liberdades, não só políticas, mas sociais, que tinham sido conquistadas com o 25 de Abril. Hoje noto que há um grande individualismo.

**NAVEGAR NO TEMPO**

**Em Ana Beatriz, a viagem é a um tempo perdido?**

Sim. Trabalhei, por exemplo, sobre lençóis do meu enxoval, coisa que se fazia na época e que nunca utilizei. Era a única meta, dos dois lados, e as minhas avós esmeraram-se a bordar, mas ficou sempre guardado numa arca em casa dos meus pais. Ainda dividi muita coisa pelas minhas sobrinhas, mas a verdade é que hoje até

dormimos de forma diferente e não há tempo para passar lençóis de linho. As resmas de tecido de algodão, que havia na arca, davam para fazer uma daquelas obras tipo Christo... (riso). Não de servir para eu pintar.

**Apresenta, aliás, quatro pinturas sobre esses lençóis na exposição.**

Sim, estavam inutilizados e pintei-os. Também aproveitei outros objetos que encontramos e que para mim eram muito importantes. Por exemplo, um barco de borracha com motor, e que eu guiei muitas vezes. Esteve 50 anos guardado numa arrecadação que tínhamos no terraço, com pó de talco. Desenrolei-o e assim que o vi pensei logo que não precisava de ser tocado e que iria assim mesmo para a exposição.

**Porquê?**

Está lá tudo, a nossa infância, o 25 de Abril, o que conseguimos preservar. Como o pó de talco tem décadas parece que o barco é de bronze. Coloquei-o de maneira que parecesse uma baleia ferida. Não fiz qualquer intervenção, só senti a necessidade de lhe dar um título, porque é um barco que não tem nada a ver com aqueles que atravessam, hoje, o Mediterrâneo, e que naufragam com os refugiados.

**Sobre esses já trabalhou noutra exposição.**

Em 2017, ainda na Galeria Baginski. O barco da exposição tem a ver com outro tempo, quando íamos para Lagos, para a Ponta da Piedade, e este é um nome tão bonito, alguns anos antes do 25 de Abril. Depois deu-se a revolução e é como se a infância tivesse ficado para trás.

**Porquê a ideia de naufrágio no título?**

Claro que tudo mudou e para melhor. O 25 de Abril foi a melhor coisa que me aconteceu na vida. Mas a mudança foi repentina, como um naufrágio, como gostei de assinalar no título, mas a que sobrevivemos, porque soubemos nadar muito bem nessas águas (riso). Foi um verdadeiro recomeço. Esta exposição é um reencontro com muitas coisas que ficaram para trás e que nos passaram pelas mãos, quando desfizemos a casa dos meus pais, que foi uma dura tarefa, mas muito apaziguadora, porque sempre fomos muito unidos, um clã, e muito

**Em Portugal, tem-se uma certa dificuldade em afirmar que se foi feliz ou que se está de bem com a vida, mas gosto de o mostrar nesta exposição**



felizes. Em Portugal, tem-se uma certa dificuldade em afirmar que se foi feliz ou que se está de bem com a vida, mas gosto de o mostrar nesta exposição. Mas algumas pessoas perguntaram-me se até a peça dos remos tinha a ver com as migrações e as mortes no Mediterrâneo.

#### Mas não.

Não, não. Tem a ver com o facto de a minha mãe ter um filho preferido assumidamente (riso). Dizia sempre "A Ana, o Nuno e o meu filho Egas...". É uma frase extraordinária, porque ela não conseguia esconder. O meu irmão, que é fantástico, nunca se aproveitou disso... Ele foi o primeiro rapaz e nesse tempo havia essa ideia, tal como eu fui a primeira menina numa família de homens e as minhas avós sempre me mimaram muito, dizem que vem daí a minha autoestima (riso). Na verdade, senti-me sempre super-importante por ser rapariga.

#### EM NOME PRÓPRIO

##### Vem daí o seu empenhamento em relação às questões das mulheres?

Claro. Também tive a sorte de apanhar o 25 de Abril aos 14 anos. Uns anos depois talvez me tivessem começado a impor algumas coisas. Mas sempre fui muito senhora do meu nariz (riso). E dona de mim própria. Não havia nada a fazer. Aos 18 anos decidi a minha vida. E não tive, aliás, problemas com a família. O que fiz nessa peça foi pegar numa coleção dos antigos gelados Olá e Rajá e, aproveitando essa autoestima maravilhosa, pus-me num remo e todo o mundo em cima do outro (riso). É engraçado que muitas pessoas o interpretaram também como uma expressão de solidão. Até me perguntaram se me sentia muito prejudicada com essa predileção pelo meu irmão. Mas não, até ficávamos contentes, porque assim ele tinha as chatices todas (riso).

##### Evoca também a sua mãe ao chamar Ana Beatriz à exposição?

E isso deu imensa confusão, porque ninguém sabe que me chamo Ana Beatriz. Mas era assim que a minha mãe me chamava quando me queria repreender. E ela dizia "Ana Beatriz" e eu entrava em sentido. Porque, apesar de sermos uma família muito liberal, havia umas linhas que não se podiam pisar. E quando alguém punha um pé fora, era chamado à pedra (riso).

##### A sua mãe teve algum papel na decisão que tomou pela pintura?

Reconheceu que tinha a ver com o lado artístico da família. O meu pai era arquiteto, a minha avó paterna pintava, mas a minha mãe tinha o curso de enfermagem, que nunca exerceu, o meu avô era médico, um lado mais científico. O meu pai percebeu que eu e os meus irmãos estávamos bem era com lápis e papéis. E houve a preocupação de incentivar esse lado, o que foi extremamente importante. Foi uma preocupação dos dois. Há em Ana Beatriz uma outra peça muito curiosa.

#### Em que sentido?

Nem os meus próprios irmãos a reconheceram. A minha mãe tinha um close-up em casa, nos anos 60, com um papel de parede, como se usava nessa altura, com umas rosas muito bonitas em tons de castanho e amarelo, que forrava as prateleiras, as gavetas. Eu gostava muito desse papel, mas sempre achei que se tinha perdido. Quando os meus irmãos, que são arquitetos, fizeram as obras para separar a casa, que era muito grande, um deles, a determinada altura, enviou-me uma foto do estado das coisas e eu vi uns rolos e perguntei-lhe: "Esse papel ainda aí está?" E ele disse-me que sim, mas só até às oito da manhã do dia seguinte, quando iriam ser levados com o entulho. Fui a correr buscá-los nessa noite (riso). Depois recortei as rosas e trabalhei a peça. É uma exposição muito pessoal, que tem a ver com aquela classificação que costumam fazer da minha obra, entre a pintura e o trabalho paralelo, uma distinção que hoje em dia já não faço.

#### E são formas de trabalho que implicam diferentes sentimentos?

Claro que a pintura me dá muito prazer e gosto de todos os momentos do seu processo. Só tenho um luxo, é que as telas já vêm montadas para o atelier. É que sou um pouco desajeitada de mãos, nem faço um risco direito (riso). Mas gosto de dar bases nas telas, fazer os recortes, que me demoram sempre muito tempo, de ficar à espera que sequem. O trabalho com os objetos, de que também tiro muito prazer, é mais rápido. Além da pintura, há em Ana Beatriz muitos objetos intervencionados por mim, à exceção do barco. E estão na exposição dois anos de trabalho em que, ao contrário do que costumo fazer, buscar objetos para construir peças, parti dos objetos para os desconstruir, tirando-os do contexto e colocando-os numa galeria.

#### PESSOAL, EMOCIONAL E IRÓNICO Há sempre um lado pessoal no seu trabalho?

O que sinto é que a pintura é a minha vida e que a minha vida mistura-se com o que faço. Não é por acaso que trabalhei a minha

vida inteira para ter o meu atelier em casa. Consegui. Vivo agora em Alfama. Estou na sala, dou dois passos e chego ao atelier. E gosto dessa ideia de uma vida entrelaçada com o trabalho artístico.

#### E, sendo pessoal, é uma arte que desafia a refletir sobre o tempo comum, como por exemplo, na peça das cabaças?

Em casa, havia uma cabaça muito antiga, pintada pelo meu pai, e lembro-me das que tínhamos na Quinta da Ómnia, que desfizemos em 1992. Tive de procurar cabaças para fazer a peça e o senhor disse a quem as adquirisse que no próximo ano não haveria, porque não havia água e que não tinha plantado nenhuma. Na minha infância, não estávamos condicionados pelas questões climáticas como hoje. Também a fiz porque é importante pensarmos sobre isso. Estamos a concluir um ciclo de 50 anos sobre uma revolução e é bom termos atenção a outras revoluções que vão acontecer, porque o mundo vai continuar. Quem morreu foram os dinossauros (riso).

aquele pormenor dos olhinhos do Tio Patinhas que nos observam. E o título da obra é *Ao Vencedor as Batatas*, a frase do escritor brasileiro Machado de Assis é uma metáfora muito forte do que acontece nas guerras, mas também a nível pessoal, e mesmo no mundo das artes e das letras.

#### Também refletiu já sobre a guerra colonial, como aconteceu numa recente exposição com Nuno Nunes Ferreira.

O meu pai foi obrigado a fazer o serviço militar e chamado segunda vez, porque havia falta de oficiais, para a guerra colonial. O pai do Nuno é mais novo, mas também foi e fizemos essa exposição em que, pela primeira vez, tomei, de alguma maneira, uma posição mais política, embora disfarçadamente, porque acho que as coisas muito claras e diretas se podem tornar panfletárias. Mas já tinha feito um primeiro trabalho sobre a guerra colonial.

#### Uma cama de cartas?

Sim. Tinha a ver com a ausência dos maridos, namorados, irmãos, filhos, a guerra silenciosa para as mulheres. Elas não iam combater, mas tiveram que governar as casas, sofreram com essa ausência, as mortes. A verdade é que a minha mãe, que tinha um grupo de amigos, durante dois anos saía só conosco. E é preciso não esquecer que ir jantar fora com amigas só depois do 25 de Abril, porque não se achava bem. Lembro-me que isso me meteu impressão, porque os meus pais gostavam muito de sair à noite e dançar. E o segundo trabalho que fiz sobre a guerra colonial foi sobre o impacto nos filhos, a instalação dos babetes e do meu quarto. Claro que tivemos a sorte de o meu pai voltar e depois tentou compensar-nos o mais possível. Lembro-me que fazia-nos papagaios de papel e, nas férias, iamos lança-los precisamente para a Ponta de Sagres, com aquela ventania (riso). E, durante aqueles dois anos em que estive na guerra, fomos completamente protegidos pela minha mãe e pelos meus avós.

#### Mas sabiam que ele estava na guerra?

Sim. O que mais me impressionava era a tristeza da minha mãe e da avó, mãe do meu pai. E percebia que baixavam a voz, quando falavam sobre isso. Éramos ainda muito novinhos e não tínhamos a noção do que realmente significava. Essas duas exposições tinham um lado muito emocional, pessoal, a última, que fiz com o Nuno, era sobretudo muito irónica. Peguei nos papéis da Casa Africana, nos pacotes de café chamado A Moreninha, nos postais de caricaturas de crianças negras, fiz colagens com pássaros africanos e chamei-lhes aves raras... Uma ironia dissimulada, mas que era uma crítica bastante dura à guerra e ao nosso posicionamento em relação às colónias. ■



À esq., *Memórias do Cabaret Chinelo*, 2022 e à dt., *Ana Beatriz #1 ("Naufrágio, Ponta da Piedade")*, 2022



#### Porquê?

Pode ser visível em termos formais, mas a nível mental, hoje já não faz sentido para mim. Antigamente, trabalhava em pintura durante um certo tempo, a preparar uma exposição, e depois, quase para descansar do atelier, pegava nos objetos e desenvolvia outro trabalho, que não tinha, por exemplo, os tempos de espera da pintura em tela. Digamos que eram trabalhos separados, pensados uns com o lado direito, outros com o esquerdo (riso). Ou seja, quando estava com a cabeça numa coisa não estava noutra. Agora, posso perfeitamente estar a trabalhar em pintura e ir para outra sala do atelier, mais limpa, sem tintas, lavo as mãos para não os 'sujar' e pego nos objetos.

**Estamos a concluir um ciclo de 50 anos sobre uma revolução e é bom termos atenção a outras que vão acontecer, porque o mundo vai continuar**

#### É uma chamada de atenção?

As novas gerações, das minhas sobrinhas, têm uma tarefa complicada, porque lhes vamos deixar uma herança difícil, porque houve grandes erros desde a Segunda Guerra. E agora, parece que andamos para trás mais de 50 anos, porque a uma guerra desta dimensão na Europa, como a da Ucrânia, nunca pensei que iria assistir. Parece que não se aprendeu nada. Nem com pessoas como a Hannah Arendt, que escreveu *A Banalidade do Mal* ou com Susan Sontag, que li recentemente, sobre outra guerra que tivemos na Europa, na ex-Jugoslávia, que foi uma carnificina. Por tudo isso fiz a peça das cabaças, cada uma com